

Participe deste Fórum com seus comentários e trabalhos que possam ser incluídos no nosso “site” (www.ccseerj.org.br), na página correspondente a **PARTICIPE**. Sua participação é importante para o fortalecimento do Centro Cultural e nos ajudará a fazer um trabalho melhor.

Tragédias que se repetem

Por **Marina Silva** (*)

Fim de 2008, início de 2009, tragédia em Santa Catarina. Fim de 2009, início de 2010, tragédia no Rio de Janeiro. Não bastava um episódio tão doloroso? Não seria possível evitar as proporções terríveis do segundo?

O mais dramático nesses e em outros casos é a repetição. Sugere inércia e uma irresponsabilidade insurportável que, passado o impacto inicial de vidas perdidas e a devastação de patrimônios tão duramente conquistados, retoma a rotina. E o discurso de que foi a excesso de chuvas a razão do desastre.

Áreas frágeis e não recomendadas para habitação continuam a ser ocupadas. Medidas preventivas permanecem sendo tomadas de maneira paliativa, com pouca verba, empenho e prioridade. Há iniciativas como o estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre as vulnerabilidades do litoral do Estado às mudanças climáticas, mas sem consequências práticas.

As pessoas atingidas continuam a depender quase que unicamente do heroísmo dos bombeiros, de grupos de defesa civil, de voluntários que, não raro, aparecem nos noticiários impotentes diante da desproporção entre suas forças e a enormidade da perda e da dor.

Não sei o que se pode dizer aos familiares e amigos das vítimas das chuvas e deslizamentos, mais do que foi dito às vítimas de Santa Catarina. As catástrofes causadas pelo mortífero tripé – chuvas fortes, encostas instáveis e construção em áreas inadequadas – só mudam de lugar. O que parece é não acontecer é uma intervenção no único vetor do qual temos controle: o uso e ocupação das áreas.

Sei por experiência própria o que é a perda radical, como a que acontece quando uma correnteza avassaladora invade a casa, leva as pessoas e desmonta o nosso mundo.

Não há nada a fazer, a não ser tentar salvar-se e a quem esteja ao alcance da mão. Tudo tão brutal que muitas vezes nem as lágrimas acodem.

John Owen (1616 – 1683), pastor e teólogo, dizia que os pregadores precisam “*experimental o poder da verdade que pregam em suas próprias almas*”. Quem não sente a alma incomodada pelo calvário daqueles que são atingidos de maneira frontal – e, na maioria das vezes, evitável – pelos fenômenos naturais não tem sensibilidade suficiente para mitigá-lo.

Não é justo, não é aceitável que cada ano mais pessoas passem por tal experiência limite, quando se sabe que é possível fazer mais.

A melhor homenagem às vítimas é lutar para construir e instituir, até porque a tendência é aumentar a ocorrência dos fenômenos climáticos que agravarão ainda mais esse tipo de catástrofe, o que já deveria ser um pleno e efetivo direito da sociedade: a segurança ambiental.

(*) contatomarinasilva@uol.com.br

Crédito de imagem: Jadson Marques / Agência Estado

Publicado na Revista Digital ENVOLVERDE em 5/01/2010

Lembrete:

Quantos prefeitos e políticos irresponsáveis distribuíram material de construção orientando os “*seus eleitores*” na ocupação de encostas e calhas fluviais?

Um dos prefeitos que fizeram isto, fazem parte das legiões de “*progressistas*” aninhadas em diferentes partidos, em Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis, Angra dos Reis, etc. e tal.

Ronald Young